



MINIMALISMO: ELEMENTOS PARA PROJETOS DE INTERIORES

Glória Lúcia Rodríguez Correia*

RESUMO

A presente pesquisa retoma os conceitos de Arquitetura e Arte, assim como suas relações com o interiorismo, visando à sua melhor compreensão. Identifica o rebatimento da linguagem artística minimalista no projeto de espaços internos contemporâneos. Através de um estudo exploratório, verifica o surgimento do movimento *minimal* nas artes plásticas e aplicadas, e a aplicação de seus conceitos na Arquitetura e, conseqüentemente, no interiorismo. Aponta os precursores da linguagem minimalista na Arquitetura e arquitetos da atualidade que a utilizam em seu exercício projetual. Analisa ambientes com propostas minimalistas, no quadro nacional e internacional e com temáticas diferentes, a fim de ilustrar a tendência e verificar as suas características funcionais, técnicas e estéticas. Como principais resultados, aponta a influência dos *Lofts* e da filosofia oriental *Zen* na concepção da corrente na arquitetura de interiores, através de características comuns, como a aplicação da luz, cores, textura, fluidez espacial, e forma. Conclui com a definição de elementos para o projeto de interiores na linguagem minimalista.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura Pós-Moderna; Arquitetura de Interiores.

ABSTRACT

This investigation recovers the architecture and art's concepts, as well as theirs relations with interior looking for your comprehension. Identifies the minimalist artistic language at the contemporary internal spaces projects. Through an exploratory study, verifies the arise of minimal movement at the applied and plastic arts, and the use of their concepts in architecture and consequently interior. Shows the precursors of minimalism language in architecture and architects at the present, that uses them at their projects. Analyze ambients with minimalist

* Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Especialista em "Arquitetura de Interiores" pela UniFil.

E-mail: glrc@bol.com.br

proposes, at national and international team and with different subjects, to shows the tendency and verify their functional, technique and aesthetics characteristics. As the principal results points the Lofts influence and the Zen oriental philosophy at the conception of current at internal architecture, through commons characteristics, as apply of lights, colors textures, special fluency and form. Ends with the definitions of elements to the internal project at minimalist language.

KEY-WORDS: Post-Modern Architecture; Interior Architecture.

INTRODUÇÃO

Para se chegar ao objetivo específico desta pesquisa, ou seja, apontar as diretrizes básicas de projeto para ambientes minimalistas, fez-se necessário re-tomar alguns conceitos de Arquitetura e Arte, bem como suas interfaces com o interiorismo. Observou-se, primeiramente, que a Arquitetura relaciona-se tanto com a arte de construir edifícios como com a criação de espaços para abrigar as necessidades do ser humano, sendo o espaço interno considerado a sua verdadeira essência.

Portanto, a arquitetura de interiores deve ser entendida como o conjunto de procedimentos que visam a definição, a organização e a hierarquização dos espaços inclusos em um objeto arquitetônico. A maneira como o homem relaciona-se com o ambiente interno, por sua vez, faz com que o interiorismo constitua-se em um importante elo entre o ser humano e o meio ambiente criado por ele.

Visando o bem estar do homem e, tendo na harmonia e no equilíbrio suas maiores características, a Arquitetura de interiores relaciona-se substancialmente com o universo da Arte. Neste ponto, buscou-se aqui compreender a ligação entre a Arte e a Arquitetura, esta considerada a maior de todas as artes, pois é em seu espaço interno que ocorrem todas as demais. Assim, a atividade arquitetônica enquanto Arte evoca emoções, transmite mensagens e influencia comportamentos, fazendo com que o indivíduo participe dela própria, interpretando-a e utilizando-a. E é justamente do mundo da arte que nascem princípios, pressupostos e modos de ver e compreender a Arquitetura.

PRINCÍPIOS DO MINIMALISMO NAS ARTES E NA ARQUITETURA

Como expressão artística contemporânea, o *minimalismo* surgiu nos EUA em meados da década de 60. Nasceu de experiências pictóricas e escultóricas que, nos anos seguintes, logo atingiram outros campos da arte, até vir a ser incorporado à linguagem arquitetônica e, conseqüentemente, à concepção de

seus espaços internos nos anos 80 e 90. Visando a montagem desse panorama histórico, procurou-se averiguar a ocorrência da *Minimal Art* tanto nas artes plásticas como nas aplicadas, incluindo aí a Arquitetura.

Em suma, o minimalismo nas artes surgiu como uma resposta àquela constante busca por inovações conceituais do próprio mundo artístico, promovendo re-discussões e reinterpretações dos conceitos da vanguarda moderna. STANGOS (1991) observa que as artes passaram a se desenvolver em função de “movimentos”, os quais pareciam suceder-se uns aos outros com aceleração sempre crescente, até alcançarem o ponto em que se tornaram tão fugazes e tão efêmeros, que ficavam praticamente imperceptíveis, exceto para os especialistas. Entre os precursores da *Minimal Art*, puderam ser citados vários nomes, como o de Barnett Newman, cujos trabalhos, com contrastes de cores chapadas, severidade de formas e monumentalidade despojada, atraíram os jovens pintores norte-americanos da década de 60. Em suas telas, já se destacam características minimalistas transportadas mais tarde para a Arquitetura, tais como a escala, a claridade e o imediatismo.

Sabe-se da pesquisa que a *Cool Art* - como também ficou conhecido o minimalismo artístico - acabou se expandindo para outros campos, dentre os quais a escultura - esta, resultado de uma espécie de “especialização” da pintura mínima - assim como a música, a dança, a moda e o *design*, até finalmente atingir as concepções arquitetônicas - já anteriormente prenunciadas pelas chamadas “instalações” - e, em conseqüência, o interiorismo. Foi exatamente na escultura *minimal* - verdadeiras construções espaciais, neutras e absolutas - que o minimalismo aproximou-se mais da arquitetura de interiores, pois através de um novo conceito escultórico, foram projetados os princípios da *Minimal Art* para os ambientes, marcados essencialmente por “instalações” sutis e fundamentais.

Na teoria minimalista, desde seus princípios na pintura e na escultura, o papel do crítico e da teorização tiveram destacada importância. De fato, a necessidade de se conceituar a nova tendência fez evidenciar a figura do crítico de arte. Isto fez com que alguns autores, como WALKER (1977), colocassem que a arte mínima foi mais um conceito do que propriamente uma arte, tamanha a importância dada pelos artistas em explicá-la através de manifestos e declarações. Basicamente, seu objetivo principal era o de eliminar do objeto artístico, em primeiro lugar, a referência ao artista e, depois, ao espectador, devendo somente evidenciar o material, o perfeito acabamento, a pureza das cores e as formas básicas. Por conseguinte, tais características foram logo notadas na Arquitetura e na concepção de seus espaços internos.

Em outras palavras, a proposta dos criadores do movimento minimalista tinha como meta “alcançar a máxima expressividade através da mínima expres-

são” (GABLIK, 1991). Sua formulação teórica dizia que se deveriam retirar os traços estéticos - tais como cor, forma, composição e emoção - do objeto artístico até reduzi-lo a estruturas simples e puras, apenas com o mínimo necessário para se percebê-lo como arte.

Nos demais campos artísticos, tal pressuposto se viu logo passível de ser atingido. Na música, estruturas repetitivas e melodias hipnóticas conduziam a obra sonora. Na dança e no teatro, movimentos bastante sutis do corpo, assim como gestos mínimos, conduziam toda a cena. Na moda, o reducionismo veio acompanhado pela exatidão técnica e pela qualidade material. E, no desenho industrial, aspectos como pureza, limpeza visual e perfeccionismo marcaram a produção, tanto de objetos como de mobiliário. Deste modo, o minimalismo migrou para todas as áreas artísticas, visuais ou não, sempre negando o excesso e elogiando a essência, através da depuração de formas, volumes, tons, sons e movimentos.

Quanto à Arquitetura, considera-se como tendência *minimal* propriamente dita aquela que surgiu, bem posteriormente aos anos 70, em decorrência do que já vinha acontecendo nos demais campos da Arte. Entretanto, já no período do modernismo, puderam ser destacados alguns pontos que passariam a caracterizar o minimalismo quando de seu tardio rebatimento nas formas arquitetônicas. Nestes termos, a obra do arquiteto alemão Mies van der Rohe pode ser considerada como precursora da linguagem minimalista atual, pois em seus projetos já se identificavam características mínimas, tais como a fluidez espacial, o detalhamento preciso e a eleição de materiais sofisticados. Do mesmo modo, os ensinamentos da *Staatliches Bauhaus* apontavam seriamente para a simplicidade das formas, a sutileza dos contornos e a industrialização dos acabamentos - valores sempre sublinhados pelos minimalistas contemporâneos.

Entretanto, diferentemente de seus antecessores modernistas, os arquitetos minimalistas não priorizam funcionalidade ou economia em termos lógicos e financeiros. Ao contrário: na ânsia de promover o máximo da expressividade estética através do mínimo em meios expressivos, eles abusam no uso de materiais, técnicas e acabamentos sofisticados. Da mesma forma, ao contrário do modernismo da primeira metade do século passado, o minimalismo arquitetônico mostrou-se como uma linguagem artística contextual, a ser usada e interpretada em diversas culturas e tipologias, sem pretensões por universalismos ou mesmo sem estar voltada a preocupações sociais e massivas. Grandes nomes, como o do mexicano Luis Barragán ou do japonês Tadao Ando, comprovam a grande identidade cultural de seus espaços, que, para tanto, não recaem em colagens ou citações explícitas de elementos decorativos e históricos.

O MINIMALISMO NA ARQUITETURA DE INTERIORES

Para que a *Minimal Art* se manifestasse nos interiores, não foi preciso esperar muito, já que os sinais da aplicabilidade de seus princípios na Arquitetura puderam ser constatados desde meados dos anos 70, especialmente nas instalações artísticas que proliferaram e, ao mesmo tempo, promoviam valores essenciais, tais como simplicidade, contraste e precisão. A ênfase no tratamento das superfícies, na composição do volumes e na criação do jogo de luz-e-sombra, fez com que os ambientes reduzissem seus elementos, sem, no entanto, perderem seu valor estético e inventividade. Vários nomes por todo o mundo experimentaram essa linguagem que, ao mesmo tempo que vazia, mostrava-se repleta de significações e provocações.

Foi através do estudo de casos exemplares que se comprovou a aplicação do minimalismo na arquitetura de interiores, identificando nos ambientes apresentados características e posturas minimalistas de seus criadores. Para a escolha dos exemplos, levou-se em consideração tanto a linguagem projetual adotada como a tipologia, procurando deste modo demonstrar a sua aplicação em diversos ambientes e contextos. Do caráter rústico e colorido de Luis Barragán, à sofisticação de John Pawson, da espiritualidade de Tadao Ando ao aspecto severo e purista de Campo Baeza, passando pela criatividade e “senso de brasilidade” de Marcio Kogan e Isay Weinfeld, pretendeu-se expor as várias possibilidades do minimalismo como linguagem arquitetônica.

CONCLUSÕES

Logo, após investigar e comprovar a aplicabilidade da estética *minimal* em ambientes internos, tanto internacionais como nacionais, pode-se concluir esta pesquisa com o traçado de diretrizes para futuros projetos minimalistas de arquitetura de interiores. Do efetivo estudo, foi-nos possível identificar alguns elementos arquitetônicos que comporiam essa “postura mínima”, e de cujo tratamento possibilitaria a concepção de um ambiente minimalista, os quais seriam fundamentalmente a *luz*, a *cor*, a *textura*, o *espaço* e a *forma*.

A *luz* - estímulo visual por excelência e principal responsável pela percepção das imagens, contornos e volumes, constitui-se em fator primordial na composição de ambientes mínimos, já que é ela quem determina contrastes de claro-e-escuro e entre o vazio e o cheio. A dosagem da luz dentro dos espaços é importante, uma vez que, quando ilumina, serve para animar o ambiente e, ao mesmo tempo, produzir zonas em penumbra ou até escuridão, ressaltando condições de mistério, contemplação ou relaxamento. Conforme a sua qualidade e

quantidade, a luz, componente imaterial, revela ou oculta, denuncia ou esconde, amplia ou reduz.

Lembrando a obra de Tadao Ando, a *Igreja da Luz*, em Osaka: o projeto utiliza-se da força da luz em sua ambientação para enfatizar a sensação espiritual que envolve o ambiente, além do fato da mudança natural e gradual da luminosidade resultar em diferentes aspectos de luz e sombra dentro do mesmo ambiente. Assim, é através do princípio luminoso que se definem os ambientes mínimos: contornos são delimitados, pesos diminuídos, caminhos sugeridos. Tanto na arquitetura residencial como naquela voltada a outros usos, a luz sempre será a componente que estabelece o caráter - seja de intimidade ou não - que se deseja àquele local. A luz, enfim, pode ser fria, quente, difusa, abundante, escassa, ausente e, mesmo assim, significar muito.

Quanto à *cor*, outro elemento fundamental das criações minimalistas, e sempre carregado de significados, é ela quem possibilita criar ilusões de tamanho e profundidade, ao mesmo tempo em que pode afirmar identidades, combinações ou contrastes. Toda cor possui três dimensões, as quais podem ser definidas e medidas. O *matiz*, ou *croma*, constitui-se na cor propriamente dita, sendo aqui onde se alojam seus efeitos psicológicos, já que permitem associações simbólicas através de experiências pessoais e conteúdos culturais. A *saturação* corresponde à pureza da cor em relação ao cinza e é desta dimensão que decorre a sensação de cores mais ou menos vivas. E, finalmente, o *brilho*, valor relacionado à luminosidade da cor e igualmente essencial na caracterização dos ambientes internos.

Além de seus efeitos físicos e psicológicos, as cores particularizam todo e qualquer espaço arquitetônico. Para exemplificar este ponto, basta citar a obra de Luis Barragán, o qual usa intensamente as cores quentes como referencial ao contextualismo da sua região. As várias sensações que a cor provoca no usuário tornam-se fundamentais para a composição do espaço minimal, pois relacionam identidade, intimidade, espiritualidade e diversidade. Paralelamente, a ausência da cor - como aquela sentida no trabalho de Campo Baeza ou de John Pawson - estabelece novas associações, tais como assepsia, infinitude, neutralidade e universalidade. Assim, cor e não-cor constituem princípios chaves de ambientes que se pretendem mínimos, mas não pobres em sensações e reflexões.

Considerada muitas vezes vazia e fria, a arquitetura minimalista busca nas texturas de seus componentes a perfeita combinação entre precisão e conforto. Têm-se erroneamente a idéia de que os ambientes mínimos são impessoais, porém, na sua linguagem estética, existe uma especial e indiscutível atenção às superfícies e acabamentos.

A *textura*, ou seja, a sensibilização táctil de superfícies, está diretamente

ligada aos materiais e técnicas que se utilizam na decoração e no revestimento dos ambientes internos, tanto em nível de piso e teto como de paredes e divisórias. Conforme a sua natureza, a textura das superfícies de um espaço pode produzir sensações diversas. Polidas ou rugosas, regulares ou irregulares, duras ou macias, brilhantes ou opacas, translúcidas ou transparentes, são as superfícies que conformam o espaço interior e lhe dão seu caráter, sua força expressiva e sua razão de ser. Planas, oblíquas, côncavas, convexas, curvas, as paredes fluem, delimitam e expandem os recintos. De acordo com os materiais e suas proporções, todo ambiente materializa-se à percepção e comporta a ação humana, cria direções, enfatiza visuais, constrói limites e, enfim, produz *espaço*.

Quanto à fluidez espacial, esta, sem dúvida, constitui-se a chave fundamental de todo ambiente minimalista, pois é justamente do vazio, que esta linguagem se utiliza para promover sensações, contrastes e harmonias. É através da relação entre tamanhos e distâncias, entre cheios e vazios, que a poética espacial do minimalismo acontece. Isto tudo vem atrelado à simplicidade e à pureza, pois sempre se pretende desvincular-se de qualquer excesso, sobreposição ou poluição visual. Esta redução em “nada” vem realçar todas as demais características da expressividade do minimal: o jogo de luz-e-sombra, o tratamento cromático, os materiais e texturas e, enfim, os contornos de forma e volume.

Enfim, por diretriz final do projeto minimalista estaria a *forma*, embora não menos importante que as demais já citadas. A linha consiste em um elemento invisível que influi em todos os seres humanos, mesmo àqueles indiferentes à cor, conforme seu sentido e direção. Da linha nascem os contornos que, por sua vez, definem as formas. Nos ambientes minimalistas, estas últimas mostram-se primárias, puras e bem delimitadas, ou através do contorno das aberturas, da silhueta dos móveis ou dos volumes que encerram o espaço. Da Geometria e gosto pelas matemáticas, os minimalistas emprestaram conceitos como retidão, precisão e equilíbrio. As formas podem ser básicas ou compostas, em duas ou três dimensões, mas elas comparecem sempre, mesmo que somente sugeridas por luz e cor.

Da pureza e neutralidade dos espaços minimalistas talvez venha, por fim, a componente essencial, além de todas aquelas já aqui abordadas: a presença humana, que, através de sua variedade e imprevisibilidade, sempre preenche todo e qualquer ambiente e, assim, completa e justifica a maior das arquiteturas - **a arquitetura da vida.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GABLICK, S. *Minimalismo*. In: STANGOS, N. **Conceitos da arte moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- STANGOS, N. **Conceitos da arte moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- WALKER, J. **A arte desde o pop**. Barcelona: Labor do Brasil, 1977.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS DE APOIO

- BENEVOLO, L. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BLACKWELL, L. **International interiors**. London: Thames and Hudson, 1990.
- BROWNE, E. **Outra arquitetura em América Latina**. México: Gustavo Gilli, 1988.
- CASTELNOU, A. M. N. **Introdução à arquitetura**. 2ª.ed. Londrina: Centro de Estudos Superiores de Londrina, 1998.
- CEJKA, J. **Tendencias de la arquitectura contemporánea**. México: Gustavo Gilli, 1988.
- CHAPMAN, C. *Minimalist*. In: INNES, J. **Decorations' directory of style**. London: Marsshall Cavendish, 1987.
- DALCO, F. **Tadao Ando: complete works**. London: Phaidon Press, 1995
- DREXLER, A. **Transformaciones en la arquitectura moderna**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1980.
- FRENCH, H. **Architecture: a crash course**. Nova York: Watson-Cuptill, 1998.
- GARCIA, 2001. *Uma ode arquitetônica à essência e à função*. In: Revista **CASA VOGUE**. São Paulo: Carta Editorial, ano XXV, n.6, ed.191, 2001.
- HOGG, M.; HARROP, W & THE WORLD OF INTERIORS. **Interiors – the eight major decorating styles seen in today's most beautiful rooms**. New York: Potter, 1998.
- JODIDO, P. **Contemporary american architects**. Köln: Taschen, vol. II, 1996.
- _____. **Tadao Ando**. Köln: Taschen, 1999.
- _____. **Building a new millennium**. Köln: Taschen, 2000.
- SALAS PORTUGAL, A. **Armando Salas Portugal: photographs of the modern architecture of México – Volume 1. Luís Barragán**. New York: Rizoli, 1992.
- McARDLE, A. **Minimal interiors**. Massachussetts: Rockport, 1999.



- MANCUSO, C. **Arquitetura de interiores e decoração: a arte de viver bem.** 2ª.ed. Porto Alegre: Sulina, 2000.
- MOHERDAUI, B. *As roupas sumiram.* In: Revista **VEJA.** São Paulo: Ed.Abril, ano 34, n.18, ed.1.699, 9 de maio de 2001.
- RAJA, R. **Arquitetura pós-industrial.** São Paulo: Perspectiva, 1993
Revista ARTE & DECORAÇÃO. Lofts & Apartamentos. São Paulo: Abril, n. 02, 1999.
- RIBAS, S. *1999 – A síntese da criação.* In: Revista CASA VOGUE. São Paulo: Carta Editorial, ano XXV, n. 3, ed. 188, 2001.
- RISPA, R. (ed.) **Barragán: the complete works.** New York: Princeton, 1996.
- SANTOS, C. *Inaugurando a casa do futuro.* In: Revista **CASA VOGUE.** São Paulo: Carta Editorial, ano XXV, n.5, ed. 190, 2001.
- ____ *Quando as lojas eram brancas.* In: Revista **CASA VOGUE.** São Paulo: Carta Editorial, ano XXIV, n. 10, ed. 183, 2000.
- WOLFE, T. **Da Bauhaus ao nosso caos.** Rio de Janeiro: Rocca, 1990.